

190				
			914	J

Pau Brasil

PM não sabe quem emboscou soldados

LEVI VASCONCELOS

Foto: Wilson Besnosik

Quem armou a emboscada que custou a vida dos soldados Jonivaldo Batista da Silva e Deusmar Barreto na área dos pataxós hã-hãe? E quem mandou um caminhão com 16 soldados entrar numa área de conflito histórico pouco depois das 22 horas de uma noite chuvosa, numa estrada lamacenta totalmente desprevenidos para a eventualidade de um ataque? A primeira pergunta pode até ter resposta e quem está em Pau Brasil atrás dela é o coronel Aloysio Campos Filho, designado pelo Comando da PM para este fim. Mas a segunda certamente ficará por conta do imaginário de cada um.

Na primeira vez que a PM se envolveu na questão, por ordem direta do governador (nas outras apenas cumpria ordens judiciais para reintegração de posse), a estratégia para o caso foi de um primarismo tão elementar que os soldados emboscados ficaram vulneráveis como se fossem meros paus-de-arara na linha de fogo. Um caminhão conduzido por um motorista civil, numa noite chuvosa, numa estrada cheia de lama em área de conflito e, pior ainda, sem nenhuma advertência aos soldados sobre a possibilidade de um ataque.

A estrada é pródiga em bons locais para emboscadas e o local escolhido era dos melhores. Os ocupantes do caminhão viram fogo na estrada. Eram dois pneus sendo queimados ao lado de toras de madeira embarreirando a pista. O carro deu uma ré para os dois faróis iluminarem melhor o local e acabou ajudando os que estavam de tocaia. Os dois soldados desceram para desobstruir a pista e o tiroteio começou.



Índios pataxós continuam negando a autoria dos dois assassinatos e se dizem vítimas de uma trama

Agente da FNS é suspeito

“No primeiro tiro nem sabíamos que era tiro, até que alguém gritou. Nos abaixamos na carroceria e começamos a atirar a esmo. O caminhão levou mais de cinco minutos para fazer a volta, enquanto atirávamos. Também não tínhamos munição. Levamos apenas a carga das armas. Tive muito medo de morrer. Como é que se trabalha assim?”, contou um dos que estavam no caminhão. Os soldados fugiram tão apavorados que sequer se deram conta de que havia dois mortos. Um deles só foi en-

contrado no dia seguinte e o coronel Santana, comandante das operações na área, garante que foi executado. “Temos o laudo pericial provando que ele ficou de joelhos e atiraram na boca. Os índios têm armas muito sofisticadas”, garante.

O laudo e a suposta execução são tão convincentes quanto a versão que os índios dão para o caso. Eles disseram ao presidente da Funai, Carlos Frederico Mares, que a emboscada “foi armada pela própria PM junto com os fazendeiros”. No outro lado da

investigação, a PM tem esperanças de explicar o incidente. Ontem, o coronel Aloysio começou a distribuir correspondências para convocar suspeitos. O principal deles é o agente da Fundação Nacional de Saúde (FNS) que trabalha no posto da Funai da aldeia, Agnaldo Franciso. Os policiais acham que ele está ferido a bala e pressionam os funcionários da Funai a apresentá-lo. Todavia, Aloysio admite que a tarefa não é fácil, especialmente porque não tem acesso aos índios.